T1: RESUMO DA INTRODUÇÃO DO LIVRO *RELATIVIZANDO* (DAMATTA, 1987)

Felipe Spessotto, Gabriel Spessotto, Eduardo, Festa Pompeu,
Gustavo Henrique Marasca e Alana Carleto
Com contribuições dos grupos e do professor

A ideia central de Roberto DaMatta nesta introdução do livro em questão se refere a uma relativização da verdade na antropologia social, disciplina que não se funda em axiomas indiscutíveis ou essências eternas. Trata-se de uma ciência visando entender de forma honesta o “diferente” cujos valores e crenças devem ser respeitados.

Assim a antropologia é uma leitura do mundo social que visa aprofundar o conhecimento do homem pelo homem. Seu conhecimento nos ensina a sermos desconfiados e críticos sobre as “verdades” que nos cercam. O grupo que elaborou este texto considera que a antropologia social tem afinidade com a teoria estruturalista da administração¹. De toda maneira, é comum preconceitos com grupos humanos julgados como “primitivos”, “selvagens” ou “simples”, o que a antropologia contemporânea visa desfazer. Com efeito, a disciplina focaliza noções diversas de “honra”, “verdade”, “justiça” e “dignidade”, permitindo conhecer a grande diversidade da sociabilidade humana. Como propõe DaMatta, as diferenciações entre as pessoas são externas, de posição relativa a temas, problemas e materiais, não sendo essenciais ou “não estão fundadas num tempo histórico reificado, como imaginavam e acreditavam os mestres do passado”.

Para o autor, não devemos estudar as formas tribais (ou minorias em geral) apenas porque estão desaparecendo ou porque são injustiçadas, mas para aprendermos a partir de uma troca igualitária de experiências humanas com vistas ao desenvolvimento da humanidade. Esse conhecimento do homem sobre si mesmo é variado e infinito em profundidade e grandeza.

Os “evolucionismos” não foram capazes de enxergar que, apesar do uso cada vez mais intensivo de máquinas e tecnologia, as revoluções recentes não foram tecnológicas, mas sim intelectuais, decorrentes do exercício da criatividade humana. A antropologia contribui para esta transformação intelectual humana, que assinala uma grande esperança de futuro, na medida em que o próprio intelecto humano permitirá potencialmente enxergar a humanidade no “outro” e o “outro” dentro de cada um de nós.

O livro em foco foi elaborado a partir das experiências vivenciadas pelo autor. Sua intenção foi notadamente estimular o jovem leitor a conhecer abordagens do pensamento antropológico. DaMatta ressalta seu intuito de transformar o familiar em exótico e o exótico em familiar, o que representa a missão mais profunda da antropologia.

Nestas primeiras páginas do livro, DaMatta situa também a antropologia no quadro das ciências, contrapondo as ciências naturais e as ciências sociais. Assim, o autor considera que a ciência natural focaliza eventos que acontecem com uma verdadeira constância sistêmica, podendo ser reproduzidos em condições controladas de um laboratório. Por outro lado, as ciências sociais visam o estudo de fenômenos complexos, contando com planos de causalidade e determinação complicados. Desta maneira, deve-se tomar em conta causas e motivações múltiplas de determinados eventos. De fato, os fenômenos sociais, diferentemente das ciências naturais, não podem ser reproduzidos em ambiente controlado.

O autor se vale do exemplo de comer um simples bolo para realçar os inúmeros significados que pode representar, em razão dos atores e ambientes deste evento. Portanto, os acontecimentos sociais são únicos. A eventual reprodução de situações vividas não permite reconstruir a atmosfera da ocasião, nem tampouco as diferentes perspectivas e motivações dos implicados.

De outra parte, pode-se supor que é mais fácil aceitar inovações tecnológicas do que mudança cultural. A propósito, é oportuno lembrar aqui a teoria do imobilismo defendida pelo filósofo grego Parmênides, muito utilizada por tradições religiosas. A antropologia insiste, convém destacar, que as culturas possuem grande dinamismo.

Ideia fecunda proposta por DaMatta para discutir as diferenças entre ciências sociais e naturais se refere ao estudo de baleias: por mais profundo que seja este estudo de seu comportamento, nunca

¹ A teoria estruturalista é concebida em meados do século 20 como uma junção entre a teoria clássica e a teoria das relações humanas propondo um enfoque mais abrangente das organizações na sociedade (CHIAVENATO, 2004).

poderemos saber com precisão o sentimento de uma baleia. Trata-se assim de uma separação inevitável entre o sujeito (pesquisador) e o objeto analisado, que não pode conhecer ou refutar as interpretações do estudioso, nem tampouco modificar seu comportamento em razão dos conhecimentos produzidos.

No campo das ciências sociais, não ocorre da mesma forma. Em primeiro lugar, a interação é intensa entre investigado e investigador. Com efeito, ambos participam de um mesmo universo de experiências humanas. A proximidade e distância são elementos fundamentais para serem considerados na pesquisa social. O pesquisador pode mergulhar profundamente em sociedade humana com outra cultura, o que lhe permitirá estudar seus costumes através de contraste. Por exemplo, Roberto DaMatta estudou a nomenclatura entre os Apinayé do estado de Goiás, concluindo que os nomes funcionavam como mecanismos para estabelecer relações sociais, o que é diferente da função dos nomes na sociedade brasileira (urbana/ocidental), na qual serve para individualizar. Para os Apinayé, e também para os Timbira, os nomes não têm esse papel de individualização, mas estabelecem relações sociais importantes, com transmissão de funções sociais sob lógica de linhas de parentesco. Não são os genitores que atribuem o nome, mas os parentes em determinadas posições genealógicas. Os nomes, no caso dos Timbira, permitem a participação em certos grupos de cerimônias importantes, rituais e também nas corridas de toras, esporte importante da tribo. Efetivamente, trata-se de transmissão de funções sociais através dos nomes: pessoas com mesmos nomes desempenham mesmos papéis. Um sistema oposto, de nomes individualizados representando uma essência individual, pode ser encontrado entre os Sanumás do norte da Amazônia, entre os quais o nome é segredo.

Então, a antropologia social busca reduzir a distância entre as culturas humanas, valendo-se de análises comparativas com um deslocamento de sistemas. Um pesquisador social ao investigar uma sociedade humana distinta da qual faz parte cria um plano complexo de atuação em dois sistemas (do observador e do observado). Assim, para o autor “quando eu interpreto o sistema de nomenclatura Apinayé, eu entro numa relação de flexibilidade com o meu sistema e também com o sistema Apinayé”.

A propósito, a antropologia contemporânea propõe interpretações destinadas à sociedade, na qual os pesquisadores estão inseridos, mas também à sociedade estudada. Abre-se assim um debate inovador dialético entre o fato interno (as interpretações dos nativos) com o fato externo (as reinterpretações do autor).

Este diálogo com o nativo permite desconstruir qualquer tipo de preconceito visando desmoralizar o outro. De fato, a antropologia social contemporânea rompe com o caminho evolucionista (propondo a existência graus de atraso e progresso entre os mais diversos sistemas sociais).

Em suma, a antropologia visa o aprimoramento do conhecimento do homem pelo homem. O método das ciências sociais, campo no qual se situa a antropologia, é próprio para o estudo de fenômenos nos quais o pesquisador se encontra em mesmo plano com os atores implicados, permitindo diálogo e compartilhamento de experiências humanas. Assim, é produzido o conhecimento antropológico de múltiplas culturas, com diferentes crenças, valores e costumes.

Referências bibliográficas

CHIAVENATO, Idalberto (2004), *Introdução à teoria geral da administração*, Rio de Janeiro: Elsevier Editora.

DAMATTA, Roberto (1987), *Relativizando, uma introdução à antropologia social*, Rio de Janeiro: Rocco